

CATHERINE BYBEE

SOLTEIRA ATÉ SÁBADO

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

CAPÍTULO UM

Ao cabo de um ano de prática como mulher de Michael Wolfe, Karen não hesitou quando ele surgiu por trás dela, a abraçou pela cintura e a beijou de lado no pescoço.

— Estás aqui.

Ela sorriu para o rosto atraente dele e suspirou. Ele era, efetivamente, um dos homens mais belos que alguma vez conhecera. Era uma pena que fosse *gay*.

— Eu não me estou a esconder — respondeu Karen, que, para gáudio dos que os observavam, se debruçou sobre o marido.

— O *catering* vai começar o serviço dentro de trinta minutos.

Eles lidavam muito bem com aquela dimensão doméstica, melhor do que a maior parte dos casais que tinham feito os seus votos a longo prazo.

— Vou certificar-me de que está tudo pronto.

Ele beijou o topo da cabeça dela e, a seguir, Karen pediu licença ao pequeno grupo de amigos com quem estava a falar e dirigiu-se para o interior da casa. Circulou pela festa do seu primeiro aniversário de casamento com Michael e foi cumprimentando a realeza de Hollywood pelos seus nomes. Não conseguiu deixar de se interrogar se aquelas mesmas pessoas estariam presentes dali a seis meses, na festa do seu divórcio. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o seu nome seria eliminado das listas de convidados, ao passo que o de Michael ficaria de pedra e cal. Era isso que acontecia quando alguém estava prestes a divorciar-se de um dos nomes mais cobiçados da indústria. Claro que apenas uma mão-cheia de pessoas presentes estava à espera

do divórcio. Os restantes poderiam vir a saber do acontecimento por algum tabloide ou através dos noticiários cor-de-rosa, quando o momento chegasse.

A casa de influência espanhola ficava em Beverly Hills e tinha uma vista espantosa sobre a cidade. Havia mais de duzentos convidados na festa, testando os limites da propriedade. Felizmente, o clima do sul da Califórnia presenteou-os com uma noite amena e permitiu aos convidados que convivessem no interior e no exterior da casa.

Karen circulou por entre os convidados, parou para aceitar um ou outro abraço falso de Hollywood e dirigiu-se para a cozinha. A responsável pelo *catering* estava no meio do caos, a dar ordens e a pôr o seu pessoal em movimento, com mensagens em voz baixa e um olhar aterrador.

— Vera, como é que está a correr tudo?

— Está tudo pronto para ser servido à hora certa, senhora Wolfe.

Karen nunca corrigia as pessoas quando a tratavam pelo apelido do marido, apesar de nunca ter mudado o seu nome legalmente.

— E o vinho?

Vera ergueu o queixo e presenteou-a com um sorriso.

— Precisamente o que o seu marido escolheu.

— Ótimo.

— No entanto, tivemos um pequeno problema de quantidade.

Karen franziu a testa. Para ela não fazia diferença, mas as preferências de Michael eram de extremo bom gosto.

— Falou com o Michael acerca do substituto?

Vera continuou a sorrir, mas os seus olhos tremelicaram e Karen pensou que fosse nervosismo.

— Ele não estava disponível. Talvez queira ver o que eu escolhi?

— Claro.

Karen seguiu Vera e as duas mulheres saíram de casa pela porta das traseiras e dirigiram-se ao camião das provisões do *catering*, onde Vera deu instruções a um dos elementos da sua equipa para que abrisse uma caixa de madeira. No seu interior encontravam-se seis garrafas de *pinot noir*; todas elas elegantemente rotuladas e apresentadas como seria de esperar. Mas se havia alguma coisa que Karen tinha aprendido depois de ter vivido um ano com um entendido em vinhos, era que a

embalagem nem sempre correspondia ao produto que se encontrava no interior. Conhecia os gostos de Michael e não hesitou em tomar uma decisão por ele àquele respeito.

— Não estou a reconhecer o rótulo.

Vera deu uma sacudidela à cabeça.

— Não se preocupe.

Do seu avental retirou um saca-rolhas e sacou rapidamente a rolha do vinho. Fez um gesto com os dedos, simulando estar a agarrar alguma coisa, e um dos empregados dela entregou-lhe um copo.

Vera serviu o vinho com grande cerimónia e deu a Karen um pouco para ela provar.

Durante o tempo que tinha passado em França com Michael, tinha aprendido o suficiente para passar numa simples prova de vinhos. Agitou o líquido no copo e não se apercebeu de nenhuma alteração da sua cor. Na verdade, ela sempre tinha achado que aquela era a segunda parte mais inútil das provas de vinhos. Os tintos eram tintos e os brancos eram sempre brancos. Karen ergueu o vinho até junto do nariz, percebeu um ligeiro aroma a citrinos e a bagas e, a seguir, deixou o vinho entrar em contacto com a sua língua.

Encorpado e doce. Não havia necessidade de o cuspir. Cuspir o vinho era a parte mais inútil das provas de vinhos, na sua opinião. Cuspir vinho bom era despropositado.

— Este está ótimo — disse para Vera, que pareceu suster a respiração enquanto Karen dava a sua opinião. — Certifique-se de que as primeiras garrafas a serem servidas são as que o Michael escolheu.

Vera fez um aceno rápido com a cabeça e um gesto com a mão e os seus funcionários começaram a circular em torno das duas mulheres e a transportar o vinho para o interior da casa. No momento em que elas se voltaram para se dirigirem para a casa, uma figura solitária aproximou-se por trás delas.

— Senhora Wolfe?

Karen fez um sorriso ensaiado, virou-se e susteve a respiração. Os pelos dos braços dela puseram-se em pé e um misto de sensações percorreu-lhe a pele. Havia algo de familiar naquele homem de um metro e noventa, com o cabelo castanho-escuro e uns olhos azuis penetrantes. O seu queixo tinha um aspeto áspero e ostentava uma barba

por fazer, algo que Michael deixava acontecer para alguns dos papéis que desempenhava, mas que preferia barbear logo que lhe era possível.

Pensar em Michael trouxe-lhe à mente a imagem do marido e a tomada de consciência de que o homem que se encontrava à sua frente podia muito bem ser seu duplo. Só que aquele homem não tinha o riso no olhar nem um sorriso fácil no rosto. Não, havia algo escondido por trás do olhar dele que a fez hesitar. Aquele homem era muito atraente e, se ela acreditasse em atração imediata, o seu corpo tinha respondido à presença dele com uma intensidade que ela não pensava ser possível. Provavelmente era aquilo que as jovens que olhavam para Michael sentiam e ela não. Aquele entusiasmo insano da descoberta que conduzia a possibilidades que só o grande ecrã podia preencher.

Em vez de se deixar levar pela imaginação, Karen passou a mão sobre a barriga e tentou não parecer afetada.

— Eu conheço-o?

O homem de olhos azuis que parecia a personificação da sensualidade avançou para ela. Karen teve de se esforçar para se manter firme.

Ele sentiu o desconforto dela, olhou em redor, como se estivesse a observar os funcionários do *catering* a correr ali à volta e os convidados que chegavam atrás dele. Respondeu simplesmente:

— Zach Gardner.

O sorriso que ela tinha no rosto permaneceu. Aquele nome atinou os limites da sua consciência. As memórias iluminaram-se por trás do véu da sua mente, até ela se focar.

— O irmão do Michael? — sussurrou.

Zach acenou a cabeça afirmativamente e percorreu a figura dela com o olhar. Quando os seus olhos voltaram a encontrar os de Karen, ele disfarçou o que quer que fosse que tinha pensado, sorriu e disse-lhe:

— E você é a mulher que nenhum de nós conhece.

Não havia muitas coisas que abalasses Karen. Ela tinha conseguido lidar com o papel de esposa de Michael debaixo do escrutínio permanente dos *paparazzi*, produtores, atores e fãs... Mas o homem que se encontrava à sua frente conseguiu aquilo que mais ninguém tinha alcançado. Ele fê-la duvidar da sua decisão de se casar.

Karen avançou para ele e ignorou o súbito franzido do rosto dele.

— Não sabíamos que viria.

— Então sabe que o Mike tem família.

— Claro. — Ninguém chamava Mike a Michael. De alguma maneira a família recordava-nos de onde vínhamos.

Karen agitou-se diante do olhar fixo dele e houve uma hesitação na expressão de Zach. Ele pareceu ter percebido que estava a ser rude e a culpá-la pela ausência do irmão. Mas Karen sabia que Michael estava atualmente afastado da família.

— Ele teve uma agenda extenuante neste último ano. — Ela desculpou Michael, pois sabia que em parte a família dele não tinha sido envolvida no casamento deles por aquele não estar destinado a durar. O fingimento destinava-se a Hollywood e não à família. Na verdade, Karen mais ou menos esperava que alguém já tivesse aparecido antes.

— Toda a gente anda ocupada.

O que Karen traduziu como sendo a forma de Zach mostrar que não se importava com a agenda de Michael e não queria saber das suas desculpas. Era Michael quem tinha de se desculpar e ela não queria interferir entre ele e a sua família.

— Tenho a certeza de que o Michael vai ficar entusiasmado por vê-lo. — Ela passou por Zach, para lhe mostrar o caminho para o interior.

— Parece que cheguei no momento errado.

Teria sido fácil para ela sugerir que as visitas inesperadas e que não se faziam anunciar tendiam a escolher os momentos *errados* para aparecerem. Mas conteve-se.

— De maneira nenhuma.

Uma vez que eles nunca se tinham conhecido pessoalmente e ela não tinha forma de saber se Zach sabia o seu nome, estendeu-lhe a mão.

— Já agora, eu sou a Karen.

Zach tomou a mão dela na sua e uma corrente inesperada disparou pelo braço dela acima. Aquilo, *sim*, era o momento *errado*!

Um toque de química estava bem, muito obrigada, mas não com o irmão do marido temporário. Oh, não, isso não estava nada bem!

O olhar de Zach foi perpassado pela surpresa antes de ele retirar a sua mão de forma algo brusca.

— E eu penso lhe devo uma desculpa.

— Porquê? — *Por aparecer aqui como um idiota rude, mas sensual?*
Ah, sim... talvez devesse.

— Estou um pouco chocado por encontrar uma pessoa real para além das fotografias que já todos vimos.

— Uma pessoa real por oposição ao quê?

Zach encolheu os ombros.

— O meu irmão é visto com uma pessoa diferente em cada estreia. Acho que nós presumimos que você não era real... mas estou a ver que afinal é. O que não desculpa a minha falta de educação. A minha queixa é com o meu irmão, não é consigo.

Karen sentiu um sorriso caloroso adornar o seu rosto e algo no olhar de Zach se apaziguou.

— Isso foi um pedido de desculpas?

— Mal-amanhado, mas foi.

Parecia que Zach e Michael tinham aquilo em comum. A capacidade de pedir desculpa sem proferirem as palavras. Apesar de Michael estar a melhorar.

— Desculpas aceites. E agora, venha daí, Zach, vamos à procura do seu irmão. — Ela não lhe deixou margem para discussão, contornou-o e dirigiu-se à casa.

Quando o par entrou na cozinha, houve algumas cabeças que se viraram. Ela não conseguiu evitar perguntar-se se os empregados pensariam que o homem que tinha ao seu lado era gêmeo de Michael ou seu duplo de filmagens. Zach passaria facilmente por qualquer um dos dois. Se Karen bem se lembrava, Zach era pelo menos um ano mais velho do que o seu marido. Havia uma irmã mais velha e duas mais novas. Todos eles continuavam a viver na pequena cidade do estado do Utah onde Michael tinha crescido e de onde tinha saído pouco depois de acabar a escola secundária.

Samantha, a amiga de Karen que era por vezes sua colega, interceptou-a no seu caminho para ir ter com o marido.

— Cá estás tu. O Michael anda à tua procura. — Samantha olhou para Zach e dirigiu-lhe um sorriso discreto.

— Nós também estamos à procura dele. Samantha Harrison, este é o Zach Gardner, irmão do Michael.

— Claro. É fácil perceber que são família. — Samantha apertou a mão de Zach.

— Muito prazer. — As palavras dele eram secas, como se o que mais desejasse fosse desaparecer.

— Onde é que viste o Michael pela última vez?

— No pátio. Anda, eu mostro-te.

Grata pela presença de Samantha, Karen dirigiu a Zach o seu sorriso treinado e conduziu-o através da casa e pelas portas enormes que davam para o pátio, onde se encontravam reunidos ainda mais convidados, que ficaram a olhar para o recém-chegado.

Michael encontrava-se de costas voltadas para eles.

Karen deu-lhe uma palmadinha no ombro e captou o olhar dele, antes de ele olhar para além dela.

— Michael, olha quem eu encontrei.

Numa fração de segundo, a perplexidade deu lugar ao reconhecimento e a seguir aconteceu a coisa mais surpreendente. Michael deixou estalar uma parte do seu verniz.

— Credo, Zach.

Karen manteve-se afastada e ficou a ver os dois irmãos a sorrirem um para o outro, a apertarem as mãos e a darem abraços à homem.

— Passou muito tempo — disse Zach.

— Passou mesmo.

Os dois homens sorriram um para o outro, como se nunca tivessem trocado uma palavra amarga ou passado anos separados.

Samantha aproximou-se mais de Karen e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Ele apareceu sem ser convidado?

Karen continuou a sorrir.

— Apareceu agora mesmo.

— Bom, isto vai ser interessante.

Isso era o que preocupava Karen.

Michael virou-se para a pequena multidão.

— Pessoal, este é o meu irmão, Zach.

Michael tirou uns minutos para dar a conhecer alguns nomes ao irmão, mas rapidamente se tornou evidente que ele não iria recordar-se da maior parte deles. E, no caso de se lembrar, seria graças à sua fama e não àquela breve apresentação.

— E já conheces a Karen.

Zach observou-a, uma vez mais, com os seus olhos azuis.
— Já conheci a tua *mulher*.

Zach permitiu que Michael circulasse com ele e o apresentasse aos amigos, apesar de não lhe parecer que ali houvesse muitas pessoas com quem ele pudesse contar. Não sabia ao certo sobre o que pensava acerca de como seria entrar no mundo do irmão. Sabia o nível de sucesso que Michael alcançara, mas nunca o tinha sentido na pele. O cenário artificial de Hollywood estava a anos-luz do estilo de vida com o qual eles tinham crescido. Talvez fosse essa a atração. Só Deus sabia como crescer numa pequena vila no Utah tinha as suas desvantagens.

Como, por exemplo, o facto de nunca encontrar uma mulher tão deslumbrante como aquela a quem o irmão chamava sua esposa. Zach tinha visto fotografias dela, imediatamente antes de a mãe deles ter tido um acesso de fúria por nunca ter conhecido Karen. Nenhuma dessas imagens lhe fazia justiça.

Os olhos dela eram de um tom de azul que raramente se via sem ser no oceano. O seu cabelo loiro era demasiado natural para ter saído de um frasco de tinta. E, apesar de toda a atividade que havia à sua volta, ela não parecia permitir que nada a afetasse. Zach percebia a atração do seu irmão e isso nunca antes tinha acontecido. Não tinha havido uma única ocasião em que os dois irmãos tivessem tido a mesma mulher nos seus pensamentos.

Afastou a mulher de Mike da sua cabeça e lembrou-se do motivo que o levara a fazer aquela pequena viagem até à casa do irmão.

Tinha sido Hannah, a irmã mais nova de ambos, que o incitara a montar-se na sua mota e fazer a viagem até Los Angeles. Mike podia ser o Senhor Hollywood para todas as outras pessoas, mas a família sentia a falta dele. A mãe estava furiosa, o pai prestes a deserdar o filho mais novo da descendência dos Gardner e as raparigas estavam convencidas de que afinal Michael Wolfe não era do seu sangue. Mas Hannah tinha praticamente implorado a Zach que arrastasse Mike para casa.

— Querido? — Karen chamou a atenção de Mike. — Os funcionários do *catering* estão prontos para começar a servir.

Michael colocou o braço por cima dos ombros da mulher e beijou-lhe o cimo da cabeça.

— Obrigado.

Zach já tinha testemunhado aquele gesto da parte do irmão. Parecia definitivamente que o casamento de Karen e Mike era feliz.

— Dás-nos licença por um momento, Zach?

— A festa é vossa. Eu apenas apareci sem convite.

Mike fez sinal ao DJ, que baixou o volume da música de fundo.

Zach tinha encontrado uma cerveja e estava a bebê-la ao mesmo tempo que observava o irmão a dar as boas-vindas aos seus convidados e a agradecer a todos a sua presença. Quando ele puxou Karen para mais perto de si e lhe agradeceu por ser sua mulher, Zach deu por si a desviar o olhar. Apercebeu-se de que Samantha, a amiga de Karen, estava a olhar para ele, para depois olhar noutra direção.

Alguns dos convidados que se encontravam à sua direita começaram a sussurrar, captando a atenção de Zach.

— Quanto tempo é que isto poderá durar?

— É difícil fartarmo-nos do nosso marido quando ele nunca está em casa. Ele não passou nove dos últimos doze meses em filmagens?

Zach deu um gole na sua cerveja e continuou a escutar a conversa.

— No mínimo. E para o mês que vem vai ausentar-se por mais três meses.

Olhou de soslaio e reconheceu uma atriz anorética que já tinha visto mas de cujo nome não se lembrava, a falar com uma mulher mais velha que parecia adorar o seu botox.

— Ouvi dizer que ele conseguiu trinta milhões pelo seu próximo filme. Eu deixava o meu marido viajar para onde o estúdio quisesse por essa quantia.

Repugnado, Zach forçou-se a desviar a atenção das estrelas mexeriqueiras e circulou pelos limites do pátio.

Samantha captou a atenção dele e trouxe-o para junto do seu círculo de amigos, que estavam todos na conversa, depois de Mike e Karen terem inaugurado a fila do bufete.

— Zach, quero apresentar-lhe alguns amigos da Karen e do Michael. Este é o meu marido, Blake Harrison. A irmã dele, Gwen, e

o marido dela, Neil McBain. — Zach apertou as mãos dos homens, satisfeito por não reconhecer nenhum deles.

— Vocês são atores? — perguntou-lhes.

Gwen riu-se.

— Nem todos os presentes pertencem à indústria cinematográfica. — As palavras de Gwen eram adornadas pelo seu sotaque britânico.

— Eu estou ligado ao negócio de transitários — disse Blake.

Samantha aconchegou-se ao lado do marido e tornou-se evidente que estava muito apaixonada por ele.

— E também é duque, mas nós recusamo-nos a chamar-lhe Vossa Graça.

Blake revirou os olhos.

— Chamamos, quando ele nos aborrece — disse Gwen.

— Um duque a sério?

Blake bebericou o seu *cocktail* e encolheu os ombros.

— Não podemos escolher os nossos pais.

Samantha apontou para o homem atlético que se encontrava ao lado de Gwen.

— O Neil trabalha em segurança privada.

Naquilo Zach podia acreditar. O homem era enorme, o seu olhar perspicaz observava toda a gente à sua volta e Zach imaginou que ele estava armado até aos dentes.

— Aqui estão vocês! — ouviu-se atrás deles, o que fez com que Zach se voltasse.

O casal que se aproximava dele dispensava apresentações. Ele inclinou-se sobre Neil.

— Aquele é o governador?

— É.

— Caramba, não sabia que o Mike conhecia toda a gente aqui no Estado.

— Na verdade, nós já éramos amigos da Karen antes de sermos amigos do Michael. Daí estarmos aqui todos reunidos a falar de todas as pessoas à nossa volta.

— Eliza, Carter, este é o irmão do Michael, o Zach.

Zach deu um aperto de mão ao governador e estendeu a mão

também à mulher dele. Teria sido fácil sentir-se deslocado, mas, à medida que iam conversando, o grupo ia-lhe dando explicações.

— Não sabia que o Michael tinha um irmão — disse Carter.

— Um irmão e três irmãs — deixou escapar Samantha.

Zach semicerrou os olhos e apercebeu-se de que Gwen deu um encontrão à pequena ruiva.

— Acho que foi isso que o Michael disse — acrescentou Samantha, baixando os olhos. — Não é verdade?

— Sim.

— Sempre vamos ao parque amanhã? — perguntou Eliza, mudando rapidamente de assunto. — Não vejo o Delanie desde o batizado.

Samantha retirou o telemóvel da mala e as mulheres reuniram-se todas à volta dela, naquilo que Zach reconheceu como sendo a exibição cerimonial de fotografias de um bebé.

Rena, a irmã mais velha dele, tinha dois filhos e não havia forma de escapar às últimas fotografias digitais se Zach faltasse a um simples almoço de domingo com a família.

— Eliza! Carter! Conseguiram vir. — Karen aproximou-se do círculo crescente e cumprimentou os amigos.

— Claro que conseguimos.

Karen dirigiu um sorriso educado a Zach, enquanto o seu olhar viajava entre as restantes mulheres.

— Porque é que não estão a comer? Eu tive um trabalhão com a ementa e a maior parte das mulheres presentes está preocupada em engordar cem gramas.

— Eu vou comer, não te preocupes — disse Eliza.

Um empregado aproximou-se do grupo e ofereceu *flutes* de champanhe. Cada um dos elementos do grupo pegou num copo e começaram a bebericar.

Ao lado de Zach, Neil retirou rapidamente o copo da mão da mulher.

— Para ti não, princesa.

O rosto de Gwen iluminou-se, em choque.

— Credo. Quase que me esqueci.

O grupo ficou em silêncio.

— Esqueceste-te de quê?

Gwen mordeu o lábio inferior.

— Ora, nada. Esta festa é da Karen e do Michael.

A seguir, como se as mulheres tivessem todas começado a comunicar por telepatia, Karen soltou um guincho.

— Oh, meu Deus. Tu estás grávida!

Como não houvesse uma negação imediata, o grupo ficou assaz animado com a novidade surpreendente.

— Nós íamos esperar para dizer alguma coisa — disse Gwen, que aceitou um abraço de Karen.

— Que parvoíce.

— Mas esta é a festa do vosso aniversário.

Karen revirou os olhos.

— Por favor, Gwen. Sou eu e o Michael.

A seguir, como se se tivesse lembrado de que Zach estava ali, ela parou abruptamente de falar e permitiu que o resto do grupo se aproximasse a dar os parabéns.

Zach, sem saber o que dizer para além do óbvio, deu os parabéns ao futuro pai.

— A seguir és tu — disse Samantha, apontando o dedo à primeira-dama.

— Obrigadinha. Isso é que é pressão.

Porque havia alguma coisa naquele grupo que estava a incomodá-lo, Zach perguntou:

— Então e a Karen? Você e o Mike vão ter filhos?

Os ouvidos dele foram presenteados com silêncio. Por um breve momento, perguntou-se se haveria alguma coisa profundamente errada na sua pergunta. Ela poderia ter filhos? E o irmão dele? Mas não viu dor no semblante de Karen quando ela se virou para ele, sorrindo. Havia, sim, determinação.

— Penso que não será para breve.

Posto aquilo, o grupo desviou a conversa do facto de Karen ter filhos e prosseguiu para outros temas.

Toda a apresentação à mulher do irmão dele foi adornada com mais perguntas do que respostas.